



Fragmentos de história no novo livro de Clara Macedo Cabral

ISABEL FERNANDES

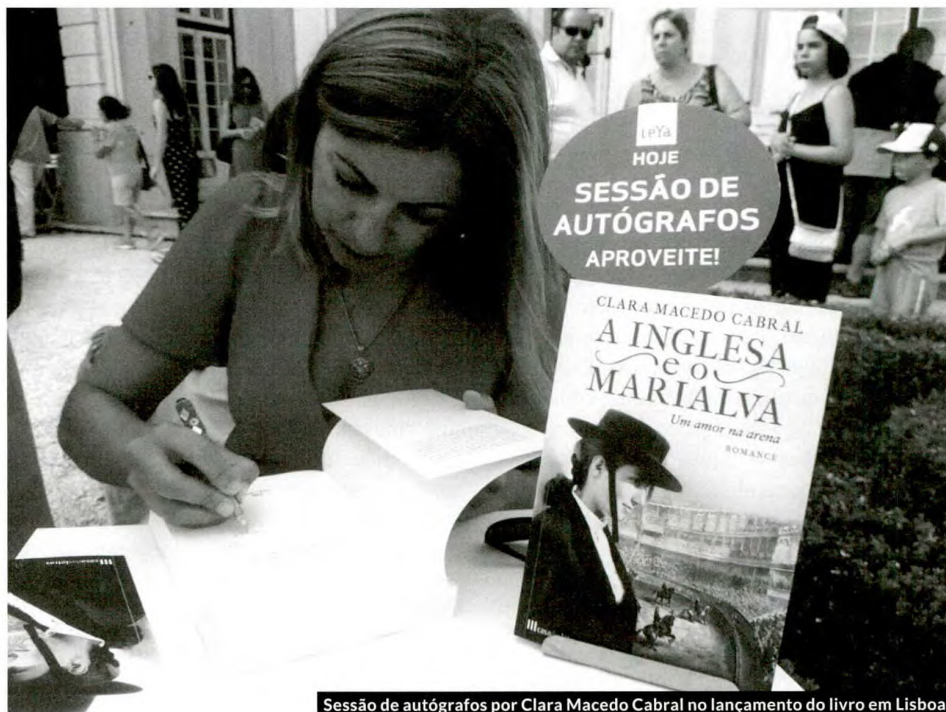
A escritora Clara Macedo Cabral estará no Porto, no dia 19 de Outubro (próxima sexta-feira), para apresentar o seu mais recente livro, «A Inglesa e o Marialva - um amor na arena». Publicado em Julho, o livro retrata - conforme se lê na sinopse - "a história verídica de uma inglesa apaixonada por cavalos que chegou a Portugal nos anos sessenta com o sonho de aprender a tourear. Determinada, aventureira e apoiada por famílias portuguesas importantes, Ginnie Dennistoun - que escolheria o nome artístico Virginia Montsol - não só venceu todas as barreiras como se tornou uma pequena celebridade no mundo fechado, elitista e masculino dos touros, arrebatando o público pela sua elegância e beleza.

Na Chamusca do Ribatejo, onde passou a residir, Ginnie viveu em segredo um grande romance com o toureiro que foi seu mestre. Mas como se sentiria esta rapariga de vinte e poucos anos, alternando entre a Inglaterra dos *Swinging Sixties*, da emancipação da mulher, dos Beatles, da construção de uma sociedade mais igualitária, e o Portugal salazarista, pobre e marialva, onde as mulheres deviam ser obedientes e discretas e a sua relação com um homem mais velho era um escândalo?

A *Inglesa e o Marialva* narra a vida de uma mulher de coragem que, contra tudo e contra todos, incluindo a própria família, venceu os constrangimentos do mundo em que nasceu e, nessa viagem, descobriu verdadeiramente quem era". Três meses depois de ter sido lançado, vai ter uma reimpressão.

A sessão de apresentação na Invicta terá lugar na Livraria Lello, no renovado espaço da cave, às 18h30. O advogado Francisco Mendes da Silva apresentará a obra editada pela Casa das Letras. Recorde-se que a autora vive em Londres desde 2005. Licenciada em Direito pela Faculdade de Direito de Lisboa, mestre em Literatura Comparada pela Universidade Nova de Lisboa, colabora com artigos de opinião e crítica literária na imprensa nacional. Literariamente, começou por publicar crónicas: «Há Raposas no Parque» (2009) e «O Inverno das Raposas» (2011) que lhe deu seguimento; seguiram-se dois livros infantis «Lisbon Story», em 2013, e «O Último Rei de Portugal e a Maggs» (2015), ambos em edição bilingue. «A Inglesa e o Marialva - um amor na arena» resultou do interesse por uma personagem real que fez o percurso inverso ao seu, deixando a Inglaterra e tentando integrar-se em Portugal, conquistando o distanciamento necessário a uma visão privilegiada das duas culturas.

Na primeira pessoa, Clara Macedo Cabral deu algumas achegas sobre o livro, a construção do mesmo, o seu estado de espírito enquanto imi-



Sessão de autógrafos por Clara Macedo Cabral no lançamento do livro em Lisboa

grante e a vontade de (não) começar já um novo livro. Foi por e-mail que a autora respondeu.

Primeiro romance e logo histórico. Fale-nos de como nasceu a ideia; como foi a criação; as sensações de escrever história...

A história foi-me contada em três linhas pelo irmão da minha biografada, em Londres, num cocktail. Recordo um inglês magro e baixo que se apresentou e me disse: "A minha irmã viveu no seu país, sabe. Nos anos 60, ela foi para Portugal tourear e viveu com um português". Isto era tudo quanto eu sabia, mas era extremamente apelativo, e constituiu o ponto de partida para me documentar sobre os anos 60 em Inglaterra e em Portugal, entrevistar as pessoas que em Inglaterra e em Portugal conheceram esta inglesa, procurar reconstituir a sua vida.

A recolha dos factos não foi fácil. Passados mais de 50 anos as testemunhas morreram, os entrevistados esqueceram muito, a imaginação ganhou asas.

A grande recompensa de escrever história é a aprendizagem, aprendi muito sobre Portugal e o meu país adoptivo, Inglaterra.

Mas não é uma biografia, é ficção. Onde é que nos deparamos com as fronteiras?

A distinção é feita através da linguagem, da forma. Estamos perante uma ficção pela linguagem literária, os diálogos, o jogo de vozes entre a primeira e a terceira pessoa, os artifícios de escrita. A primeira pessoa apresenta a Virginia na meia-idade, regressada a Inglaterra, sofrendo com uma es-

clerose múltipla. Essa primeira pessoa reflecte melhor a vida interior e os pensamentos de uma mulher madura que sente a morte aproximar-se e se refugia no período intenso e feliz que foi a sua juventude em Portugal. A terceira pessoa é usada para recuperar a Virginia jovem, é uma voz focada na acção, informativa, que nos faz recuar e perceber melhor a distância temporal dos eventos.

Escrever este livro sobre uma mulher que fez o percurso contrário ao seu fê-la sentir mais reconfortada no seu papel de imigrante?

Talvez. Levou-me a fazer o balanço do que se ganha e do que se perde em viver fora. A Virginia conclui o que eu concluo, que ganhei mais do que perdi, estou grata à vida pela oportunidade de ter visto outra forma de viver, de pensar, de me relacionar, de trabalhar. Aprendi outra cultura, ganhei uma segunda língua. A Virginia também aprendeu muito, mas ao fim de algum tempo quis voltar ao seu país.

Aproveitando a oportunidade: já está a pensar no próximo livro?

Tenho um novo livro na minha cabeça mas também sérias reticências em atirar-me a correr a ele. Sinto falta de uma vida normal, de me dedicar à família e aos amigos. Escrever torna-nos mais desatentos do real porque o que se torna absorvente e empolgante é a nossa história. O reverso da medalha é que a realidade também se torna mais tolerável. Este livro libertou-me da obsessão que estava a ser o Brexit. Perdi alguns episódios a esta telenovela (do Brexit) e não perdi nada.